

A SINTAXE DE CLÍTICOS DE ORAÇÕES NÃO-FINITAS EM TEXTO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

Aroldo Leal de ANDRADE (Unicamp)*

ABSTRACT: *This paper analyzes the phenomenon of clitic climbing in a Classical Portuguese text, from the perspective of Generative Grammar. Starting from a quantification that took into consideration five factor groups, the influence of attracting elements and of intervenient elements in the collocation of clitic pronouns was confirmed.*

KEYWORDS: *Clitic climbing; collocation of pronouns; Classical Portuguese; auxiliary verbs; intervenient elements.*

1. Introdução

A maioria dos estudos sobre clíticos em português enfoca as orações principais, independentes. Entretanto, isso não ocorre por acaso. O fenômeno da colocação de clíticos, mesmo nesse contexto, apresenta desafios contínuos aos linguistas, ainda mais considerando seu comportamento no eixo diacrônico da língua portuguesa. Uma realidade distinta se apresentou aos estudiosos de outras línguas românicas, em que a colocação de clíticos segue, muito claramente, um padrão orientado pela finitude verbal.

Um fenômeno específico relacionado às orações não-finitas chamou a atenção dos pesquisadores da sintaxe do italiano: um clítico pronominal poderia se manifestar no predicado matriz, não obstante ser semanticamente dependente do predicado encaixado, ao que se denominou de subida do clítico. A razão para isso foi atribuída a determinados verbos auxiliares presentes na oração matriz, que formam os chamados grupos verbais.

Como discutirei neste texto, a subida de clíticos ocorria também no português clássico. Esse fenômeno foi analisado no texto de Pero de Magalhães Gandavo, *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, publicado em 1576, a partir da identificação de todas as sentenças com grupos verbais.

O texto está organizado da seguinte forma. A seção 2 contém a metodologia utilizada na descrição da construção, em que são explicitados os critérios para sua identificação e os fatores de variação utilizados na quantificação. Na seção 3 apresento uma revisão bibliográfica e os problemas ali suscitados quanto à sintaxe de clíticos em orações não-finitas, especialmente quanto à variação em sua colocação. A seção 4 apresenta uma análise desse problema, a partir da contextualização oferecida anteriormente. A seção 5 conclui o texto, e também aponta conseqüências da análise e aspectos em aberto.

2. Metodologia

* Este trabalho é resultante de pesquisa de doutoramento com apoio da Fapesp (proc. 06/50256-8), sob a orientação de Charlotte Galves. Agradeço aos participantes do VII CELSUL, e em especial a Leonor Scliar-Cabral, pelas ricas sugestões e contribuições. Os erros porventura existentes são de minha responsabilidade.

A variável dependente deste estudo é a posição do clítico que, no caso dos grupos verbais, apresenta quatro variantes possíveis, conforme os exemplos em (1). Foram selecionadas as orações com verbo auxiliar (V) + verbo lexical (v), com clítico, excluídos os predicados em voz passiva e os predicados causativos/perceptivos, que tanto podem apresentar uma estrutura bi-oracional quanto a chamada construção de “união de orações”, em que o sujeito do predicado encaixado é demovido a uma função de complemento, como em *Eu mandei-lhes[=aos alunos] escrever a carta*. A partir desse recorte, foram identificadas as orações que continham complexos verbais, ou seja, um V(verbo com morfologia de pessoa e que codifica tempo/aspecto e modo) e um v (verbo lexical, desprovido das propriedades anteriores) ou COMP (objeto oracional, no caso de predicados de controle), independentemente de seu contexto: orações principais, segundas coordenadas ou subordinadas. Os casos de subida do clítico estão representados em (1a) e (1b): respectivamente, em próclise e ênclise ao verbo mais alto.

(1) a. cl-V v

E com esta vitória /se/ vieram recolhendo para sua terra com muito prazer e contentamento. [498]

b. V-cl v

Depois daí a certo tempo pelo conseguinte a mudam, e tornam-/se/ a cobrir de outra muito vermelha... [354]

c. V cl-v

Os inimigos que neste tempo acordaram ao reboiço e estrondo do morto, conhecendo serem contrários, começaram de /os/ seguir. [496]

d. V v-cl

Quando alguém os vai visitar a suas aldeias , depois que se assenta, costumam chegarem-/se/ a ele algumas moças escabeladas,... [444]

Como se nota em (1b) e (1c), uma preposição regida pelo predicado matriz pode ocorrer entre os dois verbos, o que, nesses casos, ajuda na identificação da colocação do clítico – se posposto ao verbo matriz ou anteposto ao verbo encaixado. Além disso, como se vê em (1d), o predicado encaixado pode ocorrer em qualquer das formas nominais, inclusive no infinitivo flexionado.

Após selecionados, os predicados foram classificados quanto aos seguintes grupos de fatores condicionadores:

- Para todos os dados:

(i) contexto de ocorrência do predicado auxiliar: orações principais; orações segundas coordenadas (a principais); orações subordinadas.

(ii) tipo de predicado auxiliar: aspectual/temporal; modal.

(iii) elementos “atratores”: presença vs. ausência.

(iv) elementos intervenientes entre os verbos: presença vs. ausência.

- Somente para as orações principais:

(v) posição do verbo: XV (verbo precedido de 1 ou mais elemento, no âmbito da oração); ..V (verbo precedido por oração adjunta, com pausa).

Quanto à interpolação verificou-se, somente para o contexto **V cl-v**, a ocorrência de uma das seguintes configurações: cl ADV/NEG V ou ADV/NEG cl-V.

3. Problemas de análise

A subida de clíticos foi estudada no italiano a partir do trabalho seminal de Rizzi (1982), que associou fortemente esse fenômeno a outros dois existentes no italiano: (i) a seleção, pelo predicado mais encaixado, do auxiliar que forma o passado, e (ii) o alçamento de NPs em construções impessoais com *si*. Ele propôs que todos esses processos sintáticos são regidos por uma regra de reestruturação, que implicaria a transformação de uma estrutura bi-oracional em mono-oracional. Nesse caso, a subida do clítico é um epifenômeno da reestruturação: não há nenhuma regra especial para derivá-la, visto que houve algo semelhante a uma união de orações antes de se processar a colocação do clítico.

(2) a. Alçamento de NPs

Le nuove case si cominceranno a costruire t.

As novas casas SI começarão a construir ‘As novas casas começarão a ser construídas’

b. Seleção de auxiliar

Piero ha/è voluto venire com noi.

Piero há/é querer-PART vir conosco ‘P. quis vir conosco’

c. Subida de clítico

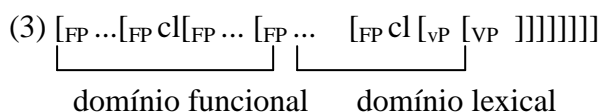
Gianni lo vuole fare.

Gianni o quer fazer ‘G. quer fazer isso’

Com o desenvolvimento da Teoria de Regência e Ligação, a tendência de vários trabalhos foi de preservar a estrutura bi-oracional, vendo a reestruturação como resultante do movimento do verbo da oração mais baixa para a oração mais alta, permitindo a ocorrência de deslocamentos além de uma fronteira oracional (cf. Kayne, 1989; Roberts, 1997). Tal movimento seria motivado por um traço presente no verbo auxiliar. Uma consequência importante desse tipo de análise é explicar por que não pode haver subida quando o auxiliar seleciona uma oração desenvolvida finita: a conjunção (em C) impediria a subida do verbo até a oração superior, de acordo com a Restrição a Movimento de Núcleo, que exige a aplicação de movimentos cíclicos sucessivos (uma ilustração dessa impossibilidade, em português, seria algo semelhante a **Maria a quis que João beijasse*).

No âmbito de uma abordagem cartográfica da sentença, destaca-se o trabalho de Cardinaletti & Shlonsky (2004), que advogam a existência de duas posições para os pronomes clíticos:

- (i) uma posição alta, independente da escolha do verbo (uma projeção de IP);
- (ii) uma posição baixa, associada a um verbo lexical ou quase-funcional.



Dessa forma, admite-se que um verbo, quando semanticamente pleno (verbo lexical ou quase-funcional), é concatenado em V, caso em que toma um complemento oracional (CP); e, quando esvaziado semanticamente (verbo funcional), é concatenado numa posição funcional da sentença. Nesse caso, em que se manifesta a reestruturação, tem-se uma estrutura mono-oracional. A proposta dá conta da opcionalidade da subida de clíticos, mas depende de pressupor que verbos projetam diferentes quantidades e tipos de posições funcionais, de acordo com suas características. Os verbos aspectuais são, por isso, tratados como um caso à parte, pois apresentam subida de clíticos, mas não permitem a seleção do auxiliar pelo verbo mais baixo, o que se deve ao fato de não selecionarem nenhum argumento (cf. (4)). Em termos estruturais, isso se explica pelo fato de os aspectuais não projetarem camadas funcionais para abrigar tais elementos.

- (4) a. Lo finirò di leggere presto. (Roberts 1997, nota 9)
 o acabarei de ler logo 'Acabarei de lê-lo logo'
 b. *Saremo finiti di andare in spiaggia.
 seremos acabados de andar para (a) praia 'Acabaremos de andar até a praia'

Além do italiano moderno, outras línguas românicas apresentavam subida de clíticos em períodos mais remotos, como o Francês, ou tinham uma preferência mais clara para a subida, como é o caso do Português. A análise de Martins (1992) para o português medieval é que a configuração **V cl-v** não seria possível com predicados de controle, como *querer*. É interessante notar que, quando tal configuração ocorre, há normalmente um ou mais elementos intervenientes entre **V** e **v** (cf. (5)). Outra característica típica da língua portuguesa desse período é a maior liberdade de movimento de outros constituintes na oração, como o infinitivo – talvez um efeito de reestruturação –, o que poderia gerar as estruturas **cl-v-V** ou **v-cl-V**, principalmente no contexto de orações subordinadas (cf. (6)).

- (5) a. par Deus, non poss' **oj'** eu mi escolher / end' a mayor (Ogando 1980 apud Martins 1992: 154 (109))
 b. e começou **logo de sse** hir come homē camjnhante que segundo paresçia queria seguir caminho (Lx, 1426 apud Martins 1992: 154 (113))
 (6) a. Mais sse as vender quiserdes deuedelo ffazer saber A nos (Lx, 1343 apud Martins 1992:136 (78))
 b. e assi conhocer **non vos** podia (Ogando 1990 apud Martins 1992:153 (108))

A partir dessa revisão bibliográfica – que não tem a pretensão de ser exaustiva – podemos elencar alguns problemas de análise:

- (i) por que a subida de clíticos é relativamente independente de outros fenômenos relacionados à reestruturação?
- (ii) por que a subida de clíticos é um processo de aplicação opcional, nos contextos relevantes?
- (iii) elementos intervenientes, como as preposições 'complementizadoras', são determinantes para a configuração **V cl-v**? Caso positivo, poderíamos pensar em uma união fonológica do clítico com os elementos à sua esquerda?

- (iv) qual o estatuto categorial da preposição ‘complementizadora’, encontrada com os verbos aspectuais? (Numa proposta como a de Cardinaletti & Shlonsky (2004), esse tipo de elemento nunca ocupa o núcleo de C, porque, de outra forma, funcionaria como evidência de que há uma oração encaixada, e não haveria reestruturação)

4. Resultados

A subida do clítico era a opção preferencial no português clássico. Dessa forma, a variante **cl-V v** alcançou o percentual de 79% das ocorrências em grupos verbais, como se vê no gráfico.

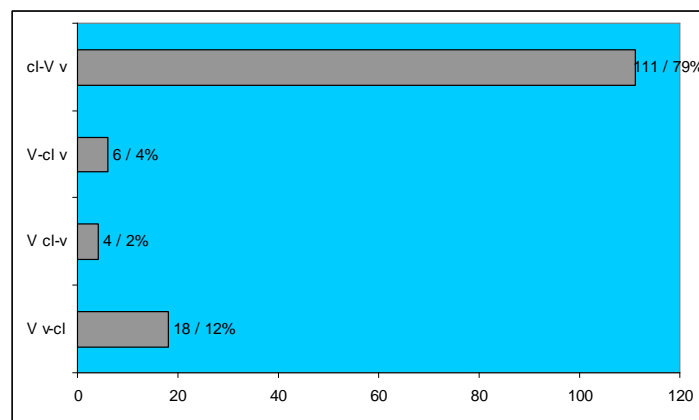


Gráfico 1. Posição do clítico no conjunto dos dados.

Na Tabela 1 cruzamos a variável dependente com o grupo de fatores que diferencia o contexto em que se insere o grupo verbal. Os grupos verbais que têm como contexto as orações subordinadas, por terem elementos “atratores” em quase todos os casos – os complementizadores –, têm uma proporção de próclise ao verbo auxiliar quase categórica (85%). Contudo, mesmo nos contextos de oração principal ou de segunda coordenada (a uma oração principal), essa é posição preferida do clítico; a posição de ênclise ao verbo mais baixo vem em segundo lugar, seguida das posições “intermediárias”.

Contexto/ Pos.	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Principais	19	63	4	13	1	3	6	20	30	21
Coordenadas	8	72	2	18	0	0	1	9	11	7
Subordinadas	84	85	0	0	3	3	11	11	98	70
TOTAL	111	79	6	4	4	2	18	12	139	

Tabela 1. Posição do clítico face ao contexto de ocorrência do auxiliar.

A fim de verificar a real influência dos elementos atratores, separei as orações que continham locativos, sintagmas quantificados, elementos interrogativos, PPs adverbiais, complementizadores, advérbios intensificadores, freqüentativos ou de negação (seguindo Pagotto 1992). O resultado é semelhante ao obtido na tabela anterior, nos dados com orações subordinadas: 86% de **cl-V v**. Nos casos de ausência de elemento atrator, no entanto, também há subida do clítico, que se reparte entre próclise e ênclise ao verbo mais alto. Isso evidencia que, nesse período da história do português, a próclise estava em variação com a ênclise, mas aquela era a opção preferida. Veja a Tabela 2.

Elemento Atrator/ Pos.	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Presença	100	86	1	0	3	2	12	10	116	83
Ausência	11	47	5	21	1	4	6	26	23	16
TOTAL	111	79	6	4	4	2	18	12	139	

Tabela 2. Posição do clítico face à presença de elemento “atrator”.

A tabela 3 relaciona a variável dependente com o tipo de predicado auxiliar. Os resultados não indicaram uma preferência de subida determinada por um traço semântico do predicado mais alto. Entretanto, os modais destacam-se por revelarem um número razoável de ênclises ao verbo principal (18%), especialmente com os verbos *querer*, *poder* e *costumar*. Já os aspectuais/temporais tiveram mais ocorrências em posições intermediárias.¹

V.Auxiliar/ Pos.	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Modais	74	79	2	2	0	0	17	18	93	66
Aspectuais/Temporais	37	80	4	8	4	8	1	2	46	33
TOTAL	111	79	6	4	4	2	18	12	139	

Tabela 3. Posição do clítico face ao tipo de predicado auxiliar.

Quanto à posição do clítico envolvendo o conjunto dos dados, verificamos também a presença/ausência de elementos intervenientes entre o predicado mais alto e o mais baixo, na Tabela 4. Como se vê, tais elementos, numa visão geral, não funcionam como barreiras à subida do clítico, mas em certos casos parecem favorecer sua ocorrência nas chamadas posições intermediárias. Além disso, os resultados obtidos na Tabela 5, em que é especificada a proporção de tipos de interveniência com relação ao total de ocorrências, confirmam que as ocorrências de clítico em próclise ao verbo principal estão relacionadas mais provavelmente à presença de uma preposição (*de*), como mostram os exemplos em (7). A preposição não é uma barreira à subida do clítico, dado o número de subidas nesse contexto, mas pode ser vista como um elemento de apoio fonológico para o clítico que, não fosse ela, não poderia ocorrer ali.

¹ Controlamos também a forma do predicado encaixado, de onde se verificou que **cl-V v** é categórica com formas gerundivas e participiais do verbo principal. Dessa forma, a variação se limita às orações encaixadas no infinitivo.

- (7) a. Junto delas havia muitos Índios , quando os Portugueses [começaram de /as/ povoar] [116]
 b. Porém de quanta imundície e variedade de animais por ela espalhou a natureza, não havia lá nenhuns domésticos, quando [começaram os Portugueses de /a /povoar]. [252]
 c. Este recebimento que digo é tão usado entre eles, que nunca ou de maravilha [deixam de /o/ fazer]: salvo quando reinam alguma malícia contra os que os vão visitar , e lhes querem fazer alguma traição. [446]
 d. Os inimigos que neste tempo acordaram ao reboiço e estrondo do morto, conhecendo serem contrários , [começaram de /os/ seguir]. [496]

Elemento Interveniente/ Pos.	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Presença	32	72	4	9	4	9	4	9	44	31
Ausência	79	83	2	2	0	0	14	14	95	68

Tabela 4. Posição do clítico face à presença de elementos intervenientes (f4)

Elemento Interveniente/ Pos.	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Preposição	22	73	4	13	4	13	0	0	30	68
Advérbio/ Quantific.	6	66	0	0	0	0	3	33	9	20
Sujeito Pós-verbal/ Objeto alçado	4	80	0	0	0	0	1	20	5	11

Tabela 5. Posição do clítico face ao tipo de elemento interveniente(f4)

Em (8), estão exemplificados: um caso de adverbial, seguido de um sujeito pós-verbal e de um objeto alçado (que o clítico redobra). Não é possível traçar correlações entre a presença de tais elementos com a presença do clítico em posição baixa, dado o pequeno número de ocorrências levantadas, porém pode-se lançar a hipótese de que certo número deles desfavorece a subida, como em (9), em que há um advérbio, um PP e uma preposição ‘complementizadora’.

- (8) a. advérbio + preposição

- (...) e deixando-se estar na cama, /a/ tornou **outra vez a mandar** fora dizendo-lhe que se afirmasse bem no que era. [402]
- b. Sujeito pós-verbal
 (...) deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não **pode o Monstro levá-/lo/** debaixo de si [408]
- c. Objeto alçado (correferente com o clítico (redobro))
 (...) vos dou licença que o choreis muito embora : que dantes com mais razão /me/ **podereis a mim chorar** (...) [500]
- (9) (...) não querem alguns estar por ela , e daqui [vêm logo pelo mesmo caso a dividirem-/se/] , e levantarem-se de parte a parte uns contra os outros como já disse. [441]

Nesta seção apresenta-se uma quantificação relativa somente às orações principais, considerando-se a posição do verbo: precedido de uma oração adjunta (..V) ou precedido de um ou mais sintagmas não-oracionais na oração (XV). Como se vê na Tabela 6, verbo precedido de oração adjunta indica menor preferência à subida com próclise, e a opção XV indica maior preferência à subida com próclise. Inferimos que tal resultado seja um reflexo de um limite prosódico, visto que a presença de uma oração adjunta favoreceria uma pausa entre esse constituinte topicalizado e o restante da oração. Exemplos das configurações são apresentados em (10).

Pos. Verbo/ Pos. Clítico	Cl-V v		V-cl v		V cl-v		V v-cl		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
..V	1	14	3	43	1	14	2	29	7	24
XV	18	82	1	5	0	0	3	10	22	76

Tabela 6. Posição do clítico face à posição do verbo na oração (f5)

- (10) a. XV: Neste rio pela terra dentro /se/ **vem meter** outro a que chamam Paraguai, que também procede do mesmo lago como o de São Francisco que atrás fica. [110]
- b. ..V: E quando algum morre, **costumam enterrá-/lo/** em uma cova assentado sobre os pés com sua rede às costas que em vida lhe servia de cama. [433]

No que tange à interpolação do clítico, percebeu-se que sempre ocorre em contextos de subida do clítico. Em Gandavo, a interpolação só ocorreu ao elemento negativo ‘não’, à exceção de um caso, em que o clítico antecede o sujeito pronominal ‘eles’ (cf. (11)), demonstrando que, nessa fase, a interpolação já tinha um contexto mais restrito do que no português medieval. A Tabela 7 representa somente os dados de **cl-V v**, com advérbio (não inclusos adverbiais) e negação precedendo V, considerando somente os elementos atratores. Nos dados de **NEG/ADV cl-V v** há 6 ocorrências de negação, o que indica variação da interpolação, mesmo considerando só o contexto

“negação”. Nota-se que, quando não há interpolação, o elemento ‘não’ normalmente está em início de oração, como em (12).

- (11) (...) porque já aconteceu terem uma aldeia quase rendida , e por um papagaio que havia nela falar umas certas palavras que /lhe/ eles [tinham ensinado], levantaram o cerco e fugiram sem esperarem o bom sucesso que o tempo lhes prometia (...) [486]
- (12) (...) saiu todavia desta batalha tão sem alento, e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso , que perguntando-lhe o pai , que era o que lhe havia sucedido , não /lhe/ pode responder: e assim esteve como assombrado sem falar coisa alguma por um grande espaço. [411]

Interpolação/ Elemento Atrator	Com Atrator		Sem Atrator		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
cl-NEG/ADV V v	8	100	0	0	8	29
NEG/ADV cl-V v	18	90	2	10	20	71

Tabela 7. Interpolação face à presença de elemento atrator.

5. Considerações finais

A pesquisa realizada permitiu confirmar ou revisitar hipóteses acerca da colocação de clíticos em grupos verbais, referente ao português clássico. Algumas conclusões de cunho empírico podem ser derivadas dos resultados apresentados.

Observa-se que a não aplicação da subida do clítico, nos contextos relevantes, era uma opção existente, usada em cerca de 10% dos casos, como já haviam apontado outros pesquisadores. Porém, seu contexto de uso não se limitava a coordenações com elipse do verbo matriz (não foi encontrado nenhum caso de **V v-cl** nessa configuração, apontada por Martins como crucial para a “inércia” do clítico no âmbito da oração não-finita). Confirmamos que a presença de elementos atratores é um fator que condiciona a subida do clítico, inclusive antecedendo a negação ou um advérbio, à esquerda do verbo auxiliar (interpolação): *e daí por diante se não pode passar*.

Também se verificou que a presença de uma preposição ‘complementizadora’ entre os dois predicados pode servir de apoio fonológico ao clítico. No entanto, não se pode correlacionar a presença de elemento interveniente com a colocação do clítico em próclise ou ênclise ao verbo principal.

Uma consideração menos sistemática, devido à pequena quantidade de dados, se refere ao infinitivo flexionado, que parece condicionar a ênclise ao verbo lexical (cf. (1d)). Em paralelo com esse tipo de dado, verifica-se que a flexão do verbo auxiliar é crucial para a subida do clítico. Essa “intuição”, gerada a partir de dados como *procuram ir buscá-lo*, favorece a proposta de Cardinaletti & Shlonsky (2004), pois não haveria uma posição oracional para o clítico, ou seja, a seqüência ‘ir buscá-lo’ estaria dentro de uma mesma projeção CP. As questões (i), (ii) e (iii) presentes no fim da seção 3 também podem ser respondidas no âmbito da proposta teórica de Cardinaletti & Shlonsky (2004).

Nesse sentido, dados de outros textos deverão ser coletados no futuro para que se tenha um quadro mais nítido da mudança na sintaxe de clíticos em contextos não-finitos do Português Clássico. A relevância desse estudo tem por base a hipótese, partilhada por outros pesquisadores, de que nos dados desse período do português podem ser encontradas as fontes do PE e do PB atuais. Apesar de a subida do clítico ainda ser possível no português europeu moderno, segundo Pagotto (1992), é um fenômeno bem mais restrito do que no português clássico. Isso pode ser correlacionado aos resultados encontrados por Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), sobre a preferência do PE pela ênclise como opção não-marcada. Já no português brasileiro, apesar de ser atestada a perda da subida do clítico, com seu posicionamento em próclise ao infinitivo, parece que ainda temos resquícios da gramática clássica no exemplo *um caso desses não se pode esquecer*. Nesse caso, há duas possibilidades de análise sincrônica: o clítico estaria vinculado diretamente ao verbo *poder*, ou, de acordo com Cardinaletti & Shlonsky (2004), haveria uma posição oracional para o clítico. Essa idéia é relevante se pensamos que *poder* é um auxiliar “puro”, pois não permite um complemento nominal simples: **eu posso carro*. Contudo, uma análise detida da sintaxe desse fenômeno ultrapassaria os objetivos deste texto.

RESUMO: Este artigo analisa o fenômeno de subida de clíticos em um texto do português clássico, sob a perspectiva da gramática gerativa. A partir de uma quantificação que considerou cinco grupos de fatores condicionadores, confirmaram-se a influência dos elementos atratores e dos elementos intervenientes na colocação dos clíticos.

PALAVRAS-CHAVE: subida de clíticos; colocação pronominal; português clássico; verbos auxiliares; elementos intervenientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDINALETTI, A. & U. SHLONSKY. (2004) Clitic Positions and Restructuring in Italian. *Linguistic Inquiry*, 35:4, p. 519-557.
- GALVES, C., BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005) The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*. 4: 1, p. 39-67.
- KAYNE, R. S. (1989) Null Subjects and Clitic Climbing. In: O. JAEGGLI & K. J. SAFIR. (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht Kluwer, p. 239-261.
- LOBO, T. (1996) A sintaxe dos clíticos. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.) *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EdUFBA, p. 85-116.
- MARTINS, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Tese (Doutorado em Lingüística Portuguesa). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- PAGOTTO, E. G. (1992) *A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- RIZZI, L. (1982) A restructuring rule. In: _____. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris, p. 1-48.
- ROBERTS, I. (1997) Restructuring, Head Movement and Locality. *Linguistic Inquiry*, 28:3, 423-460.